

PALIMPSESTOS HETEROTOPICOS DO CENTRO HISTÓRICO DE SÃO PAULO: territórios com camadas de significações

Mariana Kisse Melo (IC) e Prof. Dr. Igor Guatelli (Orientador).

Apoio: PIVIC Mackenzie

RESUMO

Através do mapeamento, estudo e análise detalhada de dois territórios da cidade de São Paulo que passaram por intensas transformações - a saber, Vale do Anhangabaú e Praça Franklin Delano Roosevelt, a dissertação a seguir tem por objetivo não somente levantar como compreender, de maneira crítica, as diferentes lógicas de produção e apropriação do espaço público a partir da lente de seus traços e rastros históricos, realizando um processo de raspagem aliado à metáfora de palimpsesto – prática utilizada principalmente durante a Idade Média, na qual um pergaminho ou papiro tem seu texto original apagado de modo abrasivo, permitindo sua reutilização - aplicada à arquitetura e, neste caso, ao urbanismo. Acessando suas diferentes e muitas camadas cronológicas e de significações, conseguimos estabelecer conexões entre presente, passado e futuro, bem como identificar e interpretar as heterotopias - termo explanado por Michel Foucault em sua obra “O Corpo Utópico, As Heterotopias” - que permitem que estes lugares porventura se distanciem de suas lógicas majoritárias, seja por meio das diferentes percepções individuais dos cidadãos ou pelo processo natural de transformação da própria cidade. Ou seja, nessa pesquisa, serão os vestígios e seus acúmulos, em cada um dos territórios abordados, que nos permitirão melhor perceber e interpretar os processos de mutação de suas relações com a cidade e das dinâmicas sociais e urbanas implicadas nesses processos.

Palavras-chave: Palimpsesto. Heterotopia. Centro de São Paulo.

ABSTRACT

Through the mapping, study and detailed analysis of two territories downtown São Paulo that have undergone intense transformations - Vale do Anhangabaú and Praça Franklin Delano Roosevelt, the following dissertation aims not only to do a data collection, but also to understand, in a critical way, the different logics of production and appropriation of public space from the lens of its traces and historical trails, performing a scraping process allied to the palimpsest metaphor - a practice used mainly during the Middle Ages, in which a parchment or papyrus has its original text abrasively erased, allowing its reuse - applied to architecture and, in this case, to urbanism. Accessing its different and many chronological layers and meanings, we are able to establish connections between present, past and future, as well as

identify and interpret the heterotopias - a term explained by Michel Foucault in his book "*Les corps utopique; Les heterotopies*" - that enable these places to distance themselves from their majority logic, either through the different individual perceptions of citizens or through the natural process of the city's transformation. In other words, in this research, it will be the vestiges and their accumulations, in each of the areas covered, that will allow us to read and understand the processes of mutation of their relations with the city and the social and urban dynamics involved in these processes.

Keywords: Palimpsest. Heterotopia. Downtown São Paulo.

1. INTRODUÇÃO

A história da cidade na modernidade se confunde com o processo constante de superação e renovação dessa própria história. Em permanente reconstrução, a metrópole contemporânea avança por sobre suas camadas arruinadas pela renovação cada vez mais acelerada do seu território ou construções. Dessa dinâmica, a ruína, os lugares abandonados ou espectros infraestruturais se tornam um tema que suscita desacordos por parte de arquitetos, arqueólogos e historiadores. O desejo de repor a cidade como original, de estabelecer uma tábula rasa com o passado, ou de reter a ruína com um estado nostálgico de irreversibilidade, estabelece situações antagônicas, conflituosas ou deslocadas em relação à própria história da cidade.

O conceito de palimpsesto pode ser lido como metáfora de uma abordagem sobre o passado da cidade e sua revalorização. Se o conceito pode ser entendido como o cruzamento entre história e memória, é no resgate da paisagem urbana que se realiza, uma paisagem que se acumula, superpõe e troca significados no espaço e no tempo.

O palimpsesto é como um papiro ou pergaminho que contém vestígios de um texto manuscrito anterior, que foi raspado ou apagado para permitir a reutilização do material e a posterior sobreposição de um novo escrito. É um procedimento para a leitura arqueológica e genealógica do mundo em que, através dele, camadas de significação são reveladas e seus sentidos rebocados pelo cruzamento e leituras transversais.

A falta de pergaminhos durante os séculos VIII e IX gerou os palimpsestos, que mostravam pergaminhos com diversas escritas sucessivas e sobrepostas, mas cuja raspagem não era capaz de apagar todos os caracteres. Esta primeira descrição do palimpsesto traz uma chave para o olhar do historiador. Existem escritas sobrepostas cujos rastros anteriores não se apagam, deixando vestígios de possível recuperação.

A acumulação de marcas de história deixadas no tempo se amplia criando rastros de materiais ou escrita; o palimpsesto da memória é indestrutível, sendo sempre possível resgatá-lo. A paisagem urbana é fruto da sociedade, ação humana no meio ambiente e, desta forma, o espaço construído é constantemente alterado seja pela destruição, seja pelos desgastes.

Desse modo, a cidade pode ser associada a um palimpsesto assim como as várias camadas de tinta sobre o pergaminho. É um local marcado pelo homem de diversas gerações que se transforma com o tempo. Como disse Ítalo Calvino em *Cidades Invisíveis*, “é preciso entender que uma cidade abriga muitas outras cidades, e só a vontade e a atitude hermenêutica de enxergar para além daquilo que é visto é que permitirá chegar até as cidades soterradas, na História e na Memória.”

A cidade que vivemos abriga outras diferentes cidades de épocas e costumes diferentes. É uma preciosidade cheia de mistérios escondidos e soterrados por novas edificações, construções e hábitos distintos. "Para que uma cidade não só abrigue, mas revele muitas outras cidades, como diz Calvino, é preciso que o historiador coloque tais cidades, as do passado e a do presente, em conjunção, estabelecendo as correspondências, as rupturas e as continuidades."

É possível perceber em pinturas também o palimpsesto com a mistura de traços que se sobrepõem, como no quadro de Paul Klee, Vilas florentinas, por exemplo. Ou, artistas contemporâneos como Gerhard Richter, Pierre Soulage que literalmente "pintavam" por subtração, por raspagem de camadas de tintas e cores sobrepostas nas telas.

Nenhuma cidade é isolada ou, ao contrário, indistinta. Territórios "palimpsesticos" podem nos revelar distintas cidades em uma mesma cidade, traços destoantes, heterogêneos, contraditórios, divergentes. A cidade, seus territórios, com suas peculiares camadas, precisam ser analisados num espaço temporal ampliado para que possamos melhor interpretar ou analisar sua construção, seu passado, suas transformações e processos de resignificação.

E desse acúmulo temporal e dos processos de territorialização por sobreposição que se sucedem outros lugares, distantes dos significados e sentidos originais; lugares heterotópicos, lugares com lógicas próprias no interior desses mesmos lugares que fazem parte de lógicas temporais dominantes. Palimpsestos encobrem passados, desvirtuam-no, resignificam-no, mas também, por acúmulo, constroem outros espaços, espaços que podem se transformar em outras moradas possíveis.

Em seu ensaio sobre heterotopias, Foucault disserta justamente sobre esses outros espaços que assumem características particulares dentro de lógicas majoritárias, analisando o campo sociológico no intuito de compreender como os espaços existentes se relacionam consigo mesmos e ainda assim concebem uma percepção diferente diante das constantes transformações sociais e da vida cotidiana dos indivíduos, fazendo uma analogia com um espelho, que reflete duas realidades distintas em um mesmo tempo e espaço.

"Pois bem, sonho com uma ciência - digo mesmo uma que teria por objeto esses diferentes, esses outros lugares, essas contestações míticas e reais do espaço em que vivemos. Essa ciência estudaria não as utopias, pois é preciso reservar esse nome para o que verdadeiramente não tem lugar algum, mas as heterotopias, espaços absolutamente outros; e, a ciência em questão se chamaria, se chamará, já se chama 'heterotopologia'." (O corpo utópico, as heterotopias, p.21).

Para resgatar quaisquer vestígios de superposições de cidade é necessário, portanto, decupá-la ou montar um *puzzle*, um quebra-cabeças narrativo a partir de seus fragmentos e rastros. Diante disso, este artigo objetiva debruçar-se acerca de dois territórios - Vale do Anhangabaú e Praça Roosevelt - a fim de investigar detalhada e fenomenologicamente como os rastros de seu passado se conectam e determinam (ou não) o presente e futuro.

2. DESENVOLVIMENTO DO ARGUMENTO

2.1. VALE DO ANHANGABAÚ

2.1.1. ANÁLISE E CONTEXTO URBANO

O Vale do Anhangabaú possui uma área de aproximadamente 43 mil metros quadrados e é localizado na Região Central de São Paulo, mais precisamente entre os Viadutos Santa Ifigênia e do Chá. Separando o Centro Velho do Centro Novo, é um palco de manifestações e shows populares rodeado por marcos arquitetônicos, desde os históricos prédios da Prefeitura de São Paulo, Farol Santander, Ed. Martinelli, Theatro Municipal, Galeria Prestes Maia etc. até os mais recentes, como a Praça das Artes, que conecta diretamente a Rua Conselheiro Crispiano ao Vale.

O espaço também interliga outras praças, como a Praça Ramos de Azevedo, situada entre o Vale e o Theatro Municipal; o Largo São Bento, que abriga o Mosteiro de São Bento; e a Praça do Patriarca, com a icônica cobertura projetada por Paulo Mendes da Rocha. Em seu subsolo, além de correr o Rio Anhangabaú, há a presença do Túnel Papa João Paulo II, que liga a Av. Prestes Maia às Av. Nove de Julho e Vinte e Três de Maio.

O Vale é atendido pela Estação Anhangabaú (Linha 3 - Vermelha do Metrô de São Paulo), bem como pela Estação São Bento (Linha 1 - Azul).

2.1.2. HISTÓRIA

O Ribeirão Anhangabaú, que originou o vale, nasce como Córrego Saracura, e tem suas nascentes localizadas entre as regiões da Vila Mariana e Paraíso, percorrendo a Av. Nove de Julho e o próprio Vale do Anhangabaú até chegar em sua foz no Rio Tamanduateí, próximo ao Mercado Municipal. O nome Anhangabaú vem do tupi e significa “água venenosa”, uma vez que os índios consideravam o rio amaldiçoado, provavelmente pelo fato de suas águas serem ácidas e férreas.

Não há registros de uma data de fundação do Vale do Anhangabaú, a área consistia em uma grande chácara, onde os moradores vendiam e cultivavam chá e agrião. A propriedade pertencia ao Barão de Itapetininga, que concordou em ceder suas terras ao presidente da província da época apenas se seu nome fosse concedido a uma rua (Rua Barão de Itapetininga).

Seja por sua localização privilegiada, seu histórico ou sua magnitude, o vale foi palco de importantes fatos históricos, como a inauguração do Viaduto do Chá em 1892, e as Diretas Já, que abrigou 1,5 milhão de pessoas em 1984.

2.1.3. RASPAGENS URBANAS

Localizado em uma área importante na região central, o Vale do Anhangabaú recebeu diversos estudos e propostas projetuais, construídas e não construídas. Abaixo, alguns registros de suas camadas que de fato foram executadas:



Fig. 01



Fig. 02

Fig 01. Projeto de Bouvard (1911)

Diante da proposta de Bouvard, o projeto foi construído. Seu traçado (que remete aos jardins franceses do século XIX) terminava antes da Av. São João e já previa construções em diversos locais.

(Bases: Planta de Bouvard e Levantamento SARA, 1930.) Fonte: HEREÑÚ, Pablo Emilio Robert. "Sentidos do Anhangabaú".

Fig. 02. Plano de Avenidas de Prestes Maia (1930)

A proposta expande o parque em seu eixo norte-sul. Grandes torres marcam presença no local, além dos vastos jardins entre as pistas.

(Bases: Plano de Avenidas de Prestes Maia e Levantamento SARA, 1930.) Fonte: HEREÑÚ, Pablo Emilio Robert. "Sentidos do Anhangabaú".



Fig. 03

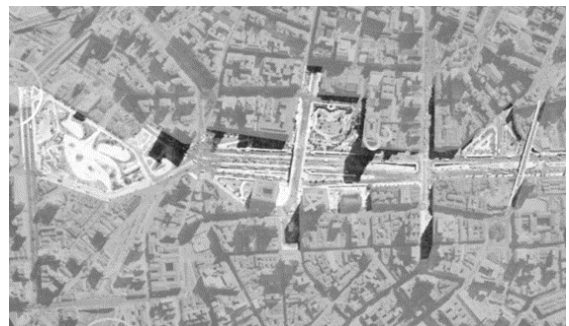


Fig.04

Fig. 03. Melhoramentos de Prestes Maia (1945)

Funcionando quase como um anteprojeto da proposta anterior, neste caso os jardins centrais de antes perdem seu espaço para avenidas mais largas que se estendem em um traçado angular e violento.

(Bases: “Planta geral dos melhoramentos centrais” e Levantamento SARA, 1930.) Fonte: HEREÑÚ, Pablo Emilio Robert. “Sentidos do Anhangabaú”.

Fig 04. Implantação do Vale do Anhangabaú (1958)

A fotografia aérea mostra um vale novamente como avenida, porém diferente do último melhoramento do plano de avenidas; o traçado angular é substituído por um traçado ortogonal. A imagem nos permite visualizar a concretização da grande avenida e o Anhangabaú tem seus limites estabelecidos entre o Viaduto Sta. Efigênia, Largo São Bento, Praça Pedro Lessa, Praça Antônio Prado e Av. São João. A Praça da Bandeira ainda não era ocupada e, por isso, possuía uma escala avantajada e um tratamento de praça em seu traçado urbano.

(Base: IDOETA, 2004.) Fonte: HEREÑÚ, Pablo Emilio Robert. “Sentidos do Anhangabaú”.



Fig.05



Fig.06

Fig 05. Implantação do Vale do Anhangabaú (1968)

A construção dos edifícios da Câmara Municipal (junto à Praça da Bandeira) e do Palácio Zarzur & Kogan (atual Ed. Mirante do Vale) limitam e reduzem a escala do local.

(Base: IDOETA, 2004.) Fonte: HEREÑÚ, Pablo Emilio Robert. “Sentidos do Anhangabaú”.

Fig 10. Implantação do Vale do Anhangabaú (1974)

A escala do vale mais uma vez é reduzida devido às construções. O Viaduto Stevaux exclui definitivamente a integração entre a Praça da Bandeira e o Vale do Anhangabaú.

(Base: IDOETA, 2004.) Fonte: HEREÑÚ, Pablo Emilio Robert. “Sentidos do Anhangabaú”.



Fig. 07



Fig. 08

Fig. 07 Implantação do Vale do Anhangabaú (1986).

Entre as décadas de 70 e 80, o vale sofreu poucas alterações significativas. A Praça da Bandeira foi ocupada por toda sua extensão, através de edifícios e passarelas de pedestres ou ônibus.

(Base: IDOETA, 2004.) Fonte: HEREÑÚ, Pablo Emilio Robert. “Sentidos do Anhangabaú”.

Fig 08. Projeto de Jorge Wilhelm (1992)

Diante do projeto do Jorge Wilhelm inaugurado em 1992, o vale seguiu inalterado por muitos anos. Em sua configuração, as dimensões são superiores às de Bouvard e, através da realização do túnel Papa João Paulo II, o vale retoma seu uso voltado ao pedestre.

(Base: IDOETA, 2004.) Fonte: HEREÑÚ, Pablo Emilio Robert. “Sentidos do Anhangabaú”.

2.1.4. CAMADA ATUAL

Com as obras iniciadas em junho de 2019, o novo projeto do Vale do Anhangabaú foi assinado pelo escritório Biselli Katchborian e, desde então, foi cercado de polêmicas e críticas, seja pelo alto valor de recursos públicos investidos na obra ou pela presença de um grande piso de concreto no lugar do conhecido paisagismo assinado por Rosa Kliass.

Contudo, a reforma começou a ser considerada há mais de 10 anos, em 2007, quando Jan Ghel desenvolveu para o Vale um projeto que objetivava estimular a permanência das pessoas no espaço, seguindo sua máxima “cidade para pessoas”.

Seu projeto foi doado para a prefeitura em 2013, durante a gestão de Fernando Haddad e a partir de então, segundo nota da Secretaria Especial de Comunicação Social (SECOM) da Prefeitura de São Paulo, a gestão municipal deu início a mais estudos com participações de “diversos profissionais, técnicos municipais e profissionais da sociedade civil, entre eles historiadores, biólogos, arquitetos e geólogos que ajudaram a elaborar o projeto”.

A partir de então, o projeto foi entregue ao escritório Biselli Katchborian que, em parceria com o escritório JPP Malucelli, finalizaram a proposta baseada no estudo de Gehl. Visando trazer de forma quase metafórica o Rio Anhangabaú de volta à superfície e inspirados pelo espelho d’água presente no projeto de Jan Ghel, a grande esplanada de concreto que remete à diversas praças secas comumente vistas na Europa desfruta de 850 jatos d’água que formam espelhos temporários, além de gerarem um ambiente lúdico e que refresca os usuários.

Com relação à vegetação, o Vale dispõe de 532 árvores, sendo 355 delas mantidas e 177 novas espécies nativas que foram plantadas. Recuperando as fachadas ativas da região, quiosques foram inseridos nas laterais do Vale que, aliados a um mobiliário urbano qualificado (inexistente no projeto anterior de Jorge Wilhelm), estimulam a permanência no local. Os 28 novos pontos de iluminação de LED (além dos outros 105 sob as árvores)

se aliam às fachadas ativas e ao mobiliário urbano adequado, a fim de garantir mais segurança na cidade, a partir dos conceitos dos “olhos da rua” de Jane Jacobs.



Fig. 09



Fig.10

Fonte: Biselli Katchborian Arquitetos Associados

Fig. 09. Implantação da Reurbanização do Vale do Anhangabaú

Fig. 10. Perspectiva realista do projeto.

2.2. PRAÇA ROOSEVELT

2.2.1. ANÁLISE E CONTEXTO URBANO

No bairro da Consolação, Região Central de São Paulo, a Praça Franklin Roosevelt se instala entre as ruas da Consolação e Augusta. Em seus dois subsolos, estacionamentos cedidos respectivamente à Guarda Civil Metropolitana e à Polícia Militar, que marcam suas presenças através de postos e viaturas ao longo da praça, no intuito de garantir a segurança dos transeuntes. Mais abaixo, percorre em túnel Ligação Leste-Oeste através do Elevado Presidente João Goulart.

Com 50 mil metros quadrados, o local abriga a Paróquia Nossa Senhora da Consolação e também é ponto de encontro de esportistas (principalmente skatistas) e artistas, que performam seus espetáculos ao ar livre.

Esse último uso não poderia ser diferente, uma vez que a Praça Roosevelt sempre foi marcada pela presença dos teatros que a rodeiam, como o Teatro Studio Heleny Guariba (antigo Studio 184), a Companhia Satyros e os Espaços 1 e Parlapatões. Além dos teatros, outros marcos importantes da cidade também estão presentes na região, como o Parque Augusta, o Museu Judaico de São Paulo, o Edifício Itália e o Copan.

A praça é atendida pela Estação Anhangabaú (Linha 3 - Vermelha do Metrô de São Paulo), bem como pela República (Linhas 3 - Vermelha e 4 - Amarela).

2.2.2. HISTÓRIA

No século XIX, a área que configura a Praça Roosevelt pertencia à Dona Veridiana Prado. A partir de seu loteamento (após a construção do Palacete Veridiana da Silva

Prado, em Higienópolis), surgiu a Praça da Consolação. Mais adiante, no início do século XX, ali foi inaugurado o Velódromo de São Paulo, um dos primeiros estádios de futebol de São Paulo, desapropriado em 1915.

Com a construção da Igreja da Nossa Senhora da Consolação (1910), o terreno da atual Praça Roosevelt passou a ser utilizado como estacionamento de aproximadamente setecentos carros e um espaço para as feiras livres, usos que perduraram por muitos anos, até meados da década de 60, quando extinguiram as feiras livres no local.

Acompanhando o momento histórico de mudanças culturais significativas nos anos 60, em 1962 foi inaugurado o Cine Bijou, um dos únicos “cinemas de arte” de São Paulo até então. A partir deste momento, a antiga Praça Consolação passou a ser um “point” cultural, movimentando a vida noturna da metrópole, frequentada por amantes das artes, boêmios e burgueses. Por ali, passaram ilustres nomes da música brasileira, como Maysa, Elis Regina, Johnny Alf e Cauby Peixoto.

Contudo, a realidade da praça é alterada uma vez que sua efervescência sociocultural não foi capaz de deter o Golpe Militar de 1964. Diante do regime militar, a visão do espaço público e suas funções foram alteradas, e as grandes obras nos centros urbanos transformaram-se a fim de exaltar a nova gestão. Assim, construções ostentosas tornavam-se o cartão de visitas da governança, que objetivava ser reconhecida de modo tão imponente quanto suas obras.

A partir de então, o país passa a ganhar diversas estradas, pontes e vias. As praças e locais públicos de convivência tem seu uso desencorajado de inúmeras maneiras, até mesmo arquitetonicamente. Assim, seguindo o plano diretor urbanístico, São Paulo recebe em 1971 o Elevado Costa e Silva, viaduto que conecta as zonas leste e oeste da capital paulistana. Sobre o viaduto, deu-se um polígono composto por galerias: a Praça Franklin Roosevelt.

Diante de tal obra, com seu auge nos anos 90, deu-se a degradação gradativa do espaço, que passou a ser palco de usuários de drogas e prostituição, até 1999-2000, com a instalação de teatros ao seu redor.

2.2.3. RASPAGENS URBANAS

Depois de seu uso como campo de futebol e de anos como um espaço vago para estacionamento e feira livre, o governo Faria Lima (1965-1969) encomenda o projeto da praça ao escritório J.C. de Figueiredo Ferraz, elaborado juntamente com os arquitetos Roberto Coelho Cardozo, Antonio Augusto Antunes, Luciano Fiashi e Marcos de Souza Dias.

O programa de necessidades englobava a quadra adjacente à praça, integrando um Centro Cultural e uma discoteca municipal a seis espaços distintos: Praça Maior, Praça dos Pombos, Ante Praça, Esplanada da Consolação, Praça do Mercado de Flores e Pátio Pergolado. Além destas áreas, uma diretriz fixada pela municipalidade exigia a permanência de um programa já existente na praça: o estacionamento. Com isso, a patamarização da praça, que já era condicionada à execução da malha viária tornou-se imprescindível.

Devido a problemas com a negociação com o Estado, o conjunto estendido do projeto não foi construído, porém sua concepção geral foi mantida.

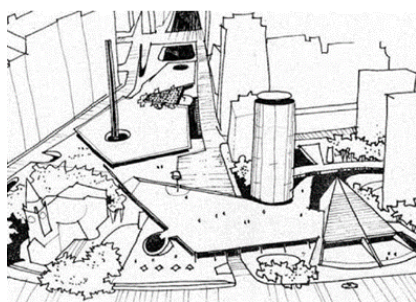


Fig. 11

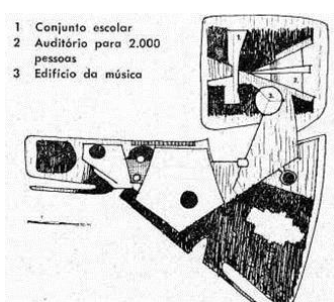


Fig. 12

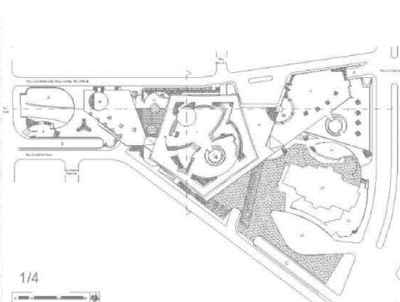


Fig. 13

Fig. 11. Croqui da concepção original do conjunto. Fonte: Revista Acrópole, 380, 1970, p.12.

Fig. 12. Croqui da implantação original do conjunto, equipamentos não construídos. Atualmente a quadra adjacente à praça contempla o Instituto Clemente Ferreira, destinado ao diagnóstico e tratamento de doenças pulmonares. Fonte: Revista Acrópole, 380, 1970, p.12.

Fig. 13. Projeto realizado. Fonte: SP Urbanismo.

Inaugurado em 1970, o “edifício-praça” passou desde então por diversas alterações programáticas como alternativa para reverter a “rejeição” por parte da população, que não via na praça um lugar seguro uma vez que devido às dificuldades de gestão e manutenção e a falta de incentivo à arte e à cultura durante o período da ditadura militar, passou a sofrer um processo de degradação e abrigar ocupações de outra natureza, compostas principalmente pelo tráfico e prostituição. Visando mudar esse cenário, as alterações da prefeitura incluíam outros dispositivos como bibliotecas, mercados e restaurantes, que buscavam dinamizar o uso além de aumentar a segurança, tornando o ambiente mais movimentado.

Cerca de dez anos após sua inauguração, os problemas relacionados às condições físicas da praça tornaram-se mais evidentes: a ausência de vegetação, de manutenção e dificuldade da leitura do espaço, aliadas à falta de recursos e aos problemas de gestão eram algumas das críticas. Com isso, projetos para requalificação começaram a ser

idealizados através de propostas visando aumentar a área verde do local, e integrá-lo com seu entorno com um calçadão.

Por falta de recursos, as propostas não foram realizadas, e durante anos não houveram projetos significativos para a praça, além de projetos de manutenção e a instalação do primeiro posto policial permanente em 1980. O local seguia sendo alvo de tentativas de recuperação e projetos de estudo durante as gestões de Luiza Erundina (1989-1992), Paulo Maluf (1993-1996) e Celso Pitta (1997-2000).

Em 2005, com José Serra, uma proposta da EMURB é realizada. O projeto intencionava a retirada dos volumes construídos, bem como das lajes acima dos estacionamentos. A inserção de novas escadarias e rampas acessíveis, de equipamentos destinados às floriculturas integrados através de um pergolado e a implantação de novas bases da Polícia Militar e da Guarda Civil tinham por objetivo requalificar o espaço e garantir segurança aos transeuntes.

A proposta da EMURB foi, durante anos, objeto de estudo de diversos grupos o que gerou alguns debates, principalmente acerca da demolição do Pentágono: para alguns, favoráveis à demolição (Ação Local Roosevelt e a própria EMURB), a concepção do volume era o produto do regime militar (e concretizado por Maluf) e estava atrelada a um posicionamento político e ideológico e, portanto, deveria ser demolido. Para outros, favoráveis à manutenção (Comitê Roosevelt), a demolição do Pentágono representaria a destruição de um símbolo (do regime militar) - além de desincentivar os usos que ali naturalmente ocorriam, como performances artísticas e práticas esportivas - e deveria permanecer a fim de não apagar a história ali contida.

Assim, em 2008, a EMURB contrata o escritório Figueiredo Ferraz como responsável pela execução do projeto executivo da praça a partir das premissas estabelecidas (Fig. 14.). O projeto foi concretizado e permaneceu até 2012, com a intervenção do escritório Borelli & Merigo.

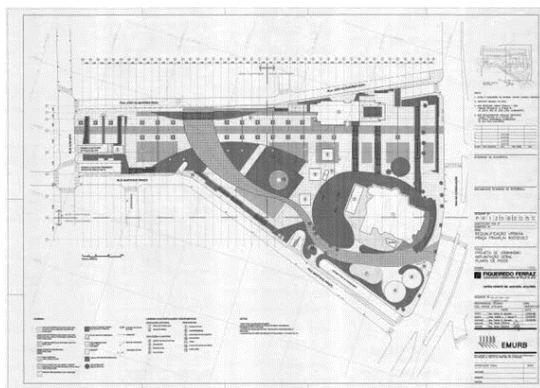


Fig. 14. Projeto executivo realizado por Figueiredo Ferraz. Fonte: EMURB

2.2.4. CAMADA ATUAL

Num esforço da prefeitura em renovar o centro histórico da cidade de São Paulo, em 2010, o escritório Borelli & Merigo foi contratado para realizar o detalhamento do projeto, o qual a concepção geral foi elaborada pela equipe da EMURB. A proposta tinha o objetivo de estabelecer pontos que se conectam com o tecido urbano do entorno. Conjuntos de escada e rampas foram projetados nas esquinas das Ruas Nestor Pestana e Gravataí, ligando-as diretamente ao nível da praça, juntamente com outros nove conjuntos de rampas ou escadas, permitindo diferentes possibilidades de acesso.

Além disso, quatro mil metros quadrados de jardins foram inseridos na laje-jardim, incluindo floreiras com 1,30 metros de profundidade que abriram a laje estrutural permitindo o crescimento das árvores de médio porte. A diversificação do programa também foi pensada, trazendo à praça além de áreas comerciais, uma área para cachorros e um parque infantil.

Tais alterações propostas pelo escritório Borelli & Merigo, inserem a Praça Roosevelt no centro de uma intervenção urbana, conectando-a a diversas áreas verdes do entorno através do enfoque no pedestre, limitando o acesso de carros das vias da região, funcionando como parques lineares que conectam a Roosevelt à outras grandes áreas centrais: Praça Dom José Gaspar e o futuro Parque e Edifício Augusta.

A proposta integra ainda um triângulo entre as avenidas São Luiz, Ipiranga e Rua da Consolação, que teria uma pista transformada em um boulevard, tornando todo o território em uma grande área de lazer, potencializando suas áreas verdes e o turismo local através de novos comércios aliados à equipamentos culturais já existentes, como a biblioteca Mário de Andrade.



Fig. 15

Fig. 15. Implantação da Reurbanização da Praça Roosevelt.

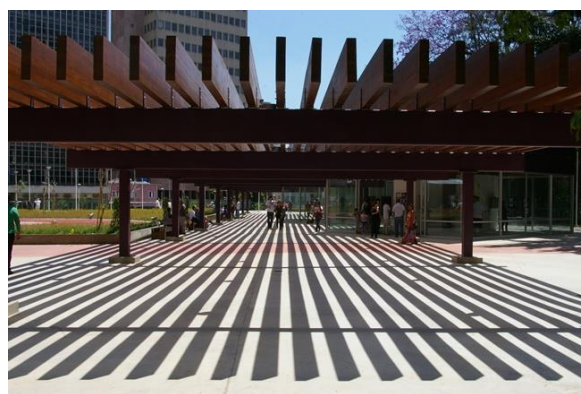


Fig. 16

Fig. 16. Imagem da praça, com vista do pergolado.

Fonte: Borelli & Merigo

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo acerca dos territórios nos permite analisar como ambos se comportam enquanto palimpsestos urbanos através da sobreposição de suas camadas por meio de reformas ou demolições: o que se mantém? O que se descarta? E acima de tudo, como a sociedade, que utiliza o espaço, encara e se apropria do espaço diante de suas mudanças?

Acima de tudo, a metáfora do palimpsesto aplicada ao urbanismo tende a ser mais profunda do que quando aplicada apenas à arquitetura. Luis Filipe Magalhães Rodrigues explica em sua tese de nome “Palimpsesto Urbano”: “No território, esta metáfora é mais complexa, permitindo avaliações das intervenções no tecido existente, como edificações, políticas públicas e outros fenômenos urbanos.”

É justamente sobre esses outros fenômenos urbanos que este presente artigo se debruça, sobre o palimpsesto não só como rastro de projetos anteriores dos objetos de estudo, mas também como rastro de seus acontecimentos efêmeros, suas heterotopias, que tanto o Vale do Anhangabaú como a Praça Roosevelt abrigam.

Sobre a heterotopia, Foucault explica: “Em geral, a heterotopia tem como regra justapor em um lugar real vários espaços que, normalmente, seriam ou deveriam ser incompatíveis.” (O corpo utópico, as heterotopias, p.24). Vale ressaltar, portanto, a relevância do Vale do Anhangabaú e da Praça Roosevelt não só como duas grandes e importantes praças na cidade de São Paulo, mas também como lugares reais que historicamente acolhem vários outros espaços.

Ainda sobre os eventos efêmeros, Foucault os nomeia “heterocronia” e explica: “Em contrapartida, há heterotopias que são ligadas ao tempo, não ao modo da eternidade, mas ao modo da festa: heterotopias não eternitárias, mas crônicas.” (O corpo utópico, as heterotopias, p.24).

O Vale apresenta rastros efêmeros ao ser, por exemplo, apropriado pela população na realização de comícios e manifestações políticas, destacando um dos maiores comícios da “Campanha da Diretas Já!”, em 16 de abril de 1984 (Fig. 17), além de abrigar até hoje eventos culturais de grande porte, como a “Virada Cultural” realizada anualmente, e de menor porte, como esporádicas aulas de dança, cinema ao ar livre, entre outros.

A Roosevelt também traz a política em sua história seja através de sua construção durante o período militar ou representando um espaço de resistência, acolhendo manifestações políticas, bem como programações culturais, com teatros e performances ao ar livre (Fig. 18).



Fig. 17



Fig. 18

Fig. 17. “Campanha Diretas Já!” no Vale do Anhangabaú. Fotografia de Matuiti Mayezo, Folhapress.

Fig. 18. Grupo Slam Resistência na Praça Roosevelt. O slam é como um campeonato de rimas com eventos mensais na praça. Fotografia: Márcia Minillo, Rede Brasil Atual.

Interessante também é notar como as diversas camadas históricas da cidade atuam diretamente em suas heterotopias. As reformas, demolições e processos de reurbanização surgem muitas vezes, diante do desejo de corrigir possíveis “desvios” ou “deformações” do espaço, como são eventualmente encarados os usos espontâneos. Isso fica ainda mais nítido na Praça Roosevelt, que com o tempo adquiriu uma pátina voltada para o uso *underground* resultante do abandono.

O incômodo gerado pela majoritária presença dos grupos marginalizados pela sociedade gerou no passado e ainda gera diversas propostas de “requalificação”, realizando um trabalho quase ortopédico afim de retificar o uso no local, alinhando-o estritamente com aquilo que se foi inicialmente projetado, restringindo muitas vezes seu uso instintivo.

Por meio das leituras dos territórios, as seguintes colagens, inspiradas pelas colagens realizadas por Marcelo Zocchio em seu livro “Repaisagem” contemplam de maneira lúdica e ao mesmo tempo crítica os temas até aqui abordados.



Fig. 19. Colagem do Vale do Anhangabaú.

Base 1920: Autor desconhecido. Disponível em: <<https://coisasantigas.wordpress.com/2012/02/29/sao-paulo/>> Acesso em: 21 de julho de 2022.

Base projeto 2020: Fotografia de Eduardo Knapp. Folhapress. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/11/alvo-de-urbanistas-novo-anhangabau-une-russomannoboulos-e-franca-contra-covas.shtml>> Acesso em: 21 de julho de 2022.

A colagem contempla o primeiro projeto do Vale do Anhangabaú, realizado por Joseph Antoine-Bouvard e o último projeto, do escritório Biselli e Katchborian, a fim de identificar suas semelhanças e diferenças. O período de exatamente um século que separa as duas imagens constringe inúmeros eventos históricos e alterações no mundo, na sociedade, na cidade e no próprio Vale do Anhangabaú, o que torna ainda mais impressionante o modo em que se complementam física e socialmente, através principalmente da presença de vegetação e do espaço deixado pela avenida transformado em um vale voltado para o lazer. A imagem traduz a metáfora palimpséstica voltada ao urbanismo, na qual se percebe na camada mais recente resquícios de camadas anteriores, e deixa mais nítida a ideia de pedestrianização do local.



Fig. 20. Colagem da Praça Franklin Delano Roosevelt.

Base 1954: Autor desconhecido. Folhapress. Disponível em: <<https://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/10419-acervo-praca-roosevelt>> Acesso em: 21 de julho de 2022.

Base 2021: Autoria própria.

A colagem da Praça Franklin Delano Roosevelt foi representada a partir da imagem de 1954, antes mesmo de seu primeiro projeto, quando seu espaço consistia em uma área livre atrás da Igreja da Consolação, utilizada como estacionamento e feira livre. Desde então, a praça recebeu outros projetos e sofreu com seu abandono e dificuldades de gestão e manutenção, que fizeram com que o antigo campo de futebol transformado em estacionamento se tornasse um verdadeiro palco: de performances artísticas a céu aberto, de heterotopias, de preconceitos e descasos.

Além disso, após diversas propostas e estudos para a requalificação da área, a Praça Roosevelt, criada em um período militar não só retoma como potencializa seu uso militar diante da forte presença da Polícia Militar e da Guarda Civil Metropolitana devido à instalação de suas bases em seu último projeto (gerenciado pela EMURB e pelo escritório Figueiredo Ferraz) e em seu projeto atual (da equipe Borelli & Merigo).

A relação passado-presente também se faz notar em ambos os locais (Vale do Anhangabaú e Praça Franklin Roosevelt) quando analisamos a presença dos automóveis, no primeiro caso através da criação de uma avenida e, no segundo, de um estacionamento. Com o passar do tempo, de reforma em reforma, ambos os locais retomam o enfoque ao homem passando por um processo de pedestrianização ao enterrarem suas vias por meio de túneis. Com isso, os rolamentos, antes executados pelas rodas de carros, ônibus e motos passaram a ser mais lúdicos com a constante presença dos praticantes de esportes como skate, patins e bicicletas realizados nos espaços.

Mais do que relação passado-presente, a metáfora do palimpsesto escancara, através do resultado de suas raspagens, vestígios não só do passado, mas daquilo que se pretende construir: um palimpsesto do futuro. Isso se nota através do processo nítido de europeização do centro de São Paulo, marcado pela arquitetura e urbanismo do início do século XX e, segundo os projetos mais recentes das regiões estudadas, até seus dias atuais (e futuros?).

Apesar do nome de origem indígena, no Vale do Anhangabaú se vê a influência francesa na presença de Joseph Antoine-Bouvard, através de um traçado que remete aos jardins franceses do século XIX - além da participação ativa do arquiteto dinamarquês Jen Ghel no projeto de Biselli Katchborian. Já a Praça Franklin Delano Roosevelt, diferentemente do vale que traz o nome indígena, leva o nome de um famoso presidente americano, bem como suas referências arquitetônicas, que seguiam a tendência de praças quase totalmente pavimentadas sem uma presença significativa (ou sem presença alguma) de áreas verdes - como o *Manhattan Square Park*, em NY, EUA e a *Lovejoy Fountain Park*, em Oregon, EUA - e acima de túneis (o que acontece com o Vale do Anhangabaú também), como o projeto da *Esplanade de La Défense*, na França.



Fig. 21. Colagem Vale do Anhangabaú - *Place de La République*

A colagem acima compara o Vale do Anhangabaú à *Place de La République*. É interessante notar como as paisagens se misturam visualmente e como suas estruturas dialogam através de uma linguagem projetual extremamente semelhante em ambos os locais.

Base Anhangabaú: Fotografia de Eduardo Knapp. Folhapress. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/11/alvo-de-urbanistas-novo-anhangabau-une-russomannoboulos-e-franca-contra-covas.shtml>> Acesso em: 21 de julho de 2022.

Base *Place de La République*: Fotografia de Clément Guillaume. Disponível em: <<https://sao-paulo.estadao.com.br/blogs/caminhadas-urbanas/5-lico-es-para-construir-uma-praca-maravilhosa/>> Acesso em: 21 de julho de 2022.



Fig. 22. Colagem Praça Roosevelt - Praça Israels Plads

A colagem acima compara a Praça Roosevelt à praça dinamarquesa Israels Plads. A grande laje pavimentada, o uso da praça voltado ao skate e a diferenciação de níveis são apenas alguns pontos de semelhança de ambos os projetos, que também tem em comum um estacionamento em seus subsolos.

Base Praça Roosevelt: Autoria própria.

Base Praça Israel Plads: Fotografia de Rasmus Hjortshøj. Disponível em: <<https://www.world-architects.com/pt/cobe-nordhavn/project/israels-square>> Acesso em: 21 de julho de 2022.

Portanto, uma vez que o ato de projetar baseia-se na acumulação, seja ela de camadas históricas operando como um palimpsesto urbano, quanto de significados através de diferentes heterotopias, questiona-se o fazer arquitetônico pautado muitas vezes pela uniformização dos territórios, seja através da neutralização de seus sentidos e significados ou da europeização, indagando a presença (ou ausência) de uma identidade arquitetônica essencialmente nacional na região central da cidade de São Paulo.

REFERÊNCIAS

BISELLI KATCHBORIAN. BKWEB, 2015. Cultural, Projeto de Reurbanização do Vale do Anhangabaú. Disponível em: <<http://www.bkweb.com.br/projects/public/projeto-de-reurbanizac-o-do-vale-do-anhangabau/>>. Acesso em: 24/01/2022.

BORELLI & MERIGO. Borelli Merigo, 2012. Projetos, Praça Roosevelt. Disponível em: <<https://www.borellimerigo.com.br/urbanismo/praca-roosevelt>>. Acesso em: 12/01/2022.

CALVINO, Ítalo. “As cidades invisíveis”. 1. ed. São Paulo, Companhia das Letras, 1990.

CALLIARI, Mauro. Praça Roosevelt. “Um espaço emblemático da relação de São Paulo com seus espaços públicos.” *Minha Cidade*, São Paulo, ano 13, n. 147.03, Vitruvius, out. 2012 <<https://vitruvius.com.br/revistas/read/minhacidade/13.147/4504>>

CARDOSO, Celina. “O Palco da Praça: As transformações na Praça Franklin Roosevelt pelas mãos do teatro”. Dissertação de bacharelado (orientadores: Prof. Dr. Dennis de Oliveira e Prof. Moisés dos Santos). Universidade de São Paulo, 2009.

CORBOZ, André. “El território como palimpsesto” (1983) *in* Lo Urbano: en 20 autores contemporáneos. Arteleku (trad.). Barcelona, Edicions UPC, 2004.

ESCUADERO, Oscar Felizardo; ABRAHÃO, Sergio Luís. “Os projetos de Joseph-Antoine Bouvard para o Vale do Anhangabaú e Parque D. Pedro II”. 3a ed. especial: 215-239. São Paulo, *InSitu*, 2017

FERREIRA, Jair Cesar Maturano. “Praça Roosevelt: possibilidades e limites de uso do espaço público”. Dissertação de pós-graduação (orientadora: Prof^a. Dra. Glória da Anunciação Alves). Universidade de São Paulo, 2009.

FOUCAULT, Michael. “O corpo utópico, as heterotopias”. São Paulo, n-1 edições, 2013.

HEREÑÚ, Pablo Emilio Robert. "Sentidos do Anhangabaú". Dissertação de Mestrado (orientadora: Regina Maria Prosperi Meyer) FAUUSP, 2007.

JÚNIOR, José Geraldo Simões. "Anhangabaú - História e Urbanismo". 1a ed. São Paulo, SENAC, 2003.

KLIASS, Rosa Grena. "O Livro da Rosa - Vivência e Paisagens". 1a. ed. São Paulo, Martins Fontes - WMF, 2019

MEYER, Regina; GROSTEIN, Marta Dora. "A leste do centro". São Paulo, Imprensa Oficial, 2010

MUÑOZ, Francesc. "UrBANALización: paisajes comunes, lugares globales". 1.ed. Barcelona, Gustavo Gili, 2008.

PORTA, Paula (org). História da cidade de São Paulo. São Paulo, Paz e Terra, 2004.

RODRIGUES, Luis Filipe Magalhães. "Palimpsesto Urbano". São Paulo, Dissertação de mestrado FAU-USP, 2016.

SUN, Alex. Projeto da praça. "Convívio e exclusão do espaço público". São Paulo, Senac, 2008.

TOLEDO, Roberto Pompeu de. "A capital da solidão. A capital da Vertigem. Uma história de São Paulo das origens a 1954". 1a. ed. Rio de Janeiro, Objetiva, 2015.

YAMASHITA, Kelly Yumi. "Praça Roosevelt, centro de São Paulo: intervenções urbanas e práticas culturais contemporâneas". Dissertação de mestrado (orientador: Prof. Dr. Miguel Antonio Buzzar). Universidade de São Paulo, 2013.

ZOCCHIO, Marcelo. "Repaisagem". 1a. ed. São Paulo, Marcelo Zocchio, 2014.

Contatos: marianakisse@gmail.com; igor.guatelli@mackenzie.br e igorguat@uol.com.br